

# **Geografia e gênero: relatos de mulheres residentes em áreas de exclusão social<sup>1</sup>**

## **Geography and gender: resident women's reports in social exclusion areas**

**Natália Cristina ALVES**

Mestranda em Geografia  
Univ Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente  
nca1982@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo escrever e discutir a construção do gênero feminino, a partir da observação de que este vivencia questões e relações de gênero de forma particular em espaços específicos. Para tanto, foi utilizada pesquisa qualitativa por meio de fontes orais, pela qual pudemos captar e analisar como é construída a representação de gênero de mulheres chefes de família, moradoras de setores censitários que passam por processos de exclusão social na cidade de Presidente Prudente-SP. Dadas as características da condição feminina submetidas a estruturas sociais, econômicas e políticas nesses espaços, este estudo indica que está presente, ainda muito forte, na construção da identidade dessas mulheres o tradicionalismo e/ou resignação de qual deve ser seu papel de mulher na sociedade (patriarcalista). Essas questões são muito relevantes para o estudo de gênero na Geografia, devido a importância de se fazer uma análise das relações de poder que permite antagonismos de gênero ao longo da história, quando estudado o espaço em que se concretizam tais relações dinâmicas e profundamente complexas.

**Palavras-chave:** Feminismo, Gênero, Geografia, Patriarcalismo, Metodologia Qualitativa

**Abstract:** This article aims to write and discuss the construction of the female gender, from the observation that this experience issues and/or gender relations in the particular way in specific areas. For this, we used qualitative research through oral sources, which we capture and analyze how it is built the representation of gender in women heads of households, residents of census tracts that go through processes of social exclusion in the city of Presidente Prudente-SP. Given the characteristics of the female condition subject to social, economic and political spaces in this study indicates that this is also very strong in the construction of the traditional identity of these women and/or resignation of what should be its role of women in society (patriarchy). These issues are very relevant to the study of gender in geography, because the importance of doing an analysis of power relations that allows antagonism of gender throughout history, when studying the area in which such relations is made, always in a dynamic and deeply complex.

**Key words:** Feminism, Gender, Geography, Patriarchy, Qualitative Methodology

## Introdução

As mulheres assumiram um importante papel na mudança da sociedade ao longo dos séculos e chegaram ao terceiro milênio com cara própria: nome, profissão e identidade, dizendo que querem ser parceiras na construção de um novo tempo: um tempo em que homens e mulheres serão, igualmente, seres humanos com direitos iguais garantidos e respeitados. (ALCÂNTARA, 1998, p.3)

Quando se pesquisa a discussão sobre questões e relações de gênero, algumas idéias são recorrentes e consensuais a respeito da emergência desse debate no mundo, na América Latina e no Brasil. Principalmente, quando destaca a importância do movimento feminista para a conscientização da mulher, ao levantar questões e denúncias sobre a inferiorização feminina nos vários setores da sociedade patriarcalista<sup>2</sup> e capitalista.

Entretanto, foi com o início do modelo capitalista de produção e a implantação da divisão sexual do trabalho, que houve um aprofundamento das contradições entre os gêneros masculino e feminino. Separando o público do privado, este sistema conseguiu caracterizar relações de poder e papéis sociais indissolúveis entre homens e mulheres até os dias atuais (CARVALHAL, 2004).

Essas questões estão determinando temas para vários estudos de gênero na Geografia, devido a importância de se fazer uma análise das relações de poder que provocaram e ainda provocam antagonismos entre homens e mulheres ao longo do tempo, quando estudado o espaço em que se concretiza tais relações.

Essa reflexão geográfica pode nos revelar novos horizontes para o entendimento das práticas de gênero e das relações de poder. Uma vez que, ao estudar as representações de gênero dentro de espaços definidos, acreditamos poder aprofundar na discussão a respeito das características diferenciais, na relação com o espaço e experiências cotidianas, entre os homens e as mulheres, inclusive em áreas consideradas de exclusão social. Fator muito relevante, ao pensarmos os espaços contemporâneos nos quais a

lógica do modo de produção capitalista promove processos acentuados de exclusão social<sup>3</sup>.

Para tanto, temos como discussão central a relação entre espaço geográfico e o gênero feminino condicionado por fatores sociais, culturais, econômicos e políticos.

## **Do feminismo ao conceito de gênero**

O Movimento Feminista, com suas teorias e lutas, a partir de 1960 trouxe o assunto das relações de desigualdade entre os homens e mulheres, por meio de uma conscientização mundial do problema, no âmbito da sociedade (CASTELLS, 2001). Lideranças feministas escreviam e denunciavam a opressão da mulher na sociedade e foram fundamentais para o início da discussão sobre a necessidade de se pensar a problemática das desigualdades sexuais na sociedade capitalista.

A partir de 1970, as idéias feministas, apesar das suas inúmeras tendências, características e abordagens (convergentes e divergentes), começaram a se disseminar pelo mundo. De acordo com Castells (2001), o que antes era ideologia com manifestações locais e com pioneiras em sua maioria brancas, de classe média e alto nível educacional, tornou-se agora (nos últimos trinta anos) um conjunto de classes sociais e grupos étnicos, participando de lutas políticas e se organizando coletivamente.

Apesar destes avanços, Scott (1995) destaca que, por várias vezes, as teorias feministas contribuíram para aprofundar a oposição binária e hierárquica entre homens e mulheres, chegando muitas vezes a aceitar, inconscientemente, como naturais tais relações. Ou seja, não faziam análises e críticas mais profundas, além de não procurarem saber em quais contextos (políticos, sociais e econômicos) se concretizam tais desigualdades entre os gêneros.

É por causa desta realidade que Scott (1995) considera o conceito de gênero como mais abrangente para o tratamento das questões teóricas da relação entre homens e mulheres. Tal abordagem, que surgiu a partir de 1980, nas ciências sociais, vem encontrando respaldo em vários autores, como

Garcia (2002), Rossini (1988), Scott (1995), dentre outros. Segundo essas autoras, o conceito de gênero foge da categoria sexo biológico (macho e fêmea) para justificar as desigualdades construídas nas relações entre homens e mulheres, uma vez que a categoria gênero é um produto das relações sociais e de poder e dependem do momento histórico, das leis, das religiões, da organização da vida familiar e política vivenciada por esses indivíduos (MONTEIRO; LEAL, 1998).

Neste caso entendemos que a ideologia patriarcalista é fundamental para se compreender a influência masculina na sociedade. Segundo Monteiro e Leal (1998), desde a Idade Média, tal ideologia vem sendo reproduzida por várias instituições sociais (igreja, política e até mesmo a família) ao longo do tempo, sendo acusado de ser um dos maiores causadores da opressão feminina, devido a sua persistência temporal.

Entretanto, Castells (2001) defende que a sustentação dessa ideologia passa por um processo de enfraquecimento devido inúmeras transformações mundiais, principalmente por mudanças causadas pelo aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho. Afinal foi através da sua crescente incorporação no mercado de trabalho que a mulher conseguiu redefinir alguns padrões que baseavam até então as relações de gênero na sociedade, o que Castells (2001) define como o começo da chamada crise da família patriarcal. Ou seja, já se é possível perceber uma debilidade no modelo familiar baseado na autoridade/dominação contínua exercida pelo homem sobre a família.

Isto não quer dizer que a situação de desigualdade de gênero esteja resolvida. Pelo contrário, mesmo obtendo várias conquistas no setor do trabalho, a precarização do emprego afeta mais as mulheres do que os homens, porque as mulheres sempre estiveram presentes nas formas desreguladas e precárias de trabalho.

A situação se agrava ainda mais quando se considera a classe social em que cada mulher está inserida. Elas estão se tornando crescentemente chefes de família<sup>4</sup> (segundo o censo de 2000 no Brasil elas já representam 24,9% de responsáveis por domicílios no país), principalmente,

chefes das famílias mais pobres, e muitas vezes arcando sozinhas com a sobrevivência dos seus membros. Afinal, nos últimos anos, a mulher sai de casa para trabalhar, com maior frequência, para ajudar na renda familiar que fica cada vez menor, aumentando sua carga de tarefas, já que são as mulheres que, principalmente, cuidam dos filhos e da casa.

Dadas estas características da condição feminina na sociedade, percebemos que se faz necessário observar e analisar espacialmente e temporalmente a condição da mulher submetida aos processos excludentes.

Neste caso para entendermos melhor como essa realidade é concretizada no espaço, vamos primeiro apontar alguns aspectos relevantes na perspectiva da Geografia de Gênero.

## **Geografia e gênero**

Apesar da questão de gênero ser uma abordagem recente no campo geográfico, não há como negar que o desenvolvimento de suas identidades (masculino e feminino) se estabelece a partir das manifestações simbólicas, baseadas nas influências culturais e sociais de cada lugar (GARCIA, 2004). Identidades que para Castells (2001, p. 33) “[...] constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas através de um processo de individuação [...]”.

Segundo Martínez et al. (1995) a Geografia de Gênero é o lugar de encontro entre gênero e espaço. Para essas autoras esta abordagem geográfica também está intimamente relacionada a discussão das escalas espaciais, global e local (p. 63-64). Isto porque ao estudarmos a vida cotidiana dos indivíduos podemos entender a expressão local e específica de processos sociais e econômicos gerais, pois a vida cotidiana materializa e reproduz esses processos, mas também os modifica, pois “existe una gran diversidad de respuestas en función de diferentes contextos, culturas ou biografías personales” (p. 288). Esse debate não é indiferente à construção dos gêneros, por isso, é importante estudar como gênero e lugar se relacionam para originar as experiências, sentimentos e valores de homens e mulheres em relação ao seu entorno, para formar parte de suas identidades (p. 295).

Para Garcia (2004), em todos os espaços, nos quais essas práticas sociais se desenvolvem em tempos específicos, ocorrem relações de dominação (de poder), principalmente, quando se estuda as relações entre homens e mulheres. Segundo essa autora, esse lugar de cotidianidades se transforma em um território quando todo processo de concretização dessas relações é movimentado por relações de poder.

Neste caso, a consideração do conceito de espaço geográfico nos remete não apenas ao aspecto físico/quantitativo do lugar estudado, mas, sobretudo aos aspectos qualitativos que determinam a dinâmica social, política, econômica e cultural das relações de gênero nele presente.

É aqui que a geografia tem se colocado neste debate, pensando em como as representações sociais são resultantes do cotidiano vivenciado que se refletem nas relações entre os indivíduos e entre estes e a si mesmos, porque somos todos atores e consumidores do espaço.

## **Metodologia e resultados**

A partir do esforço de aproximação das questões teóricas supracitadas, pudemos avançar na identificação e análise das relações cotidianas de gênero, relacionadas aos espaços de atuação da mulher, em áreas que passam por processos de exclusão social, na cidade de Presidente Prudente-SP (identificadas a partir do mapeamento da exclusão social feito pelo Centro de estudos e de mapeamento da exclusão social para políticas públicas - CEMESPP), partindo do princípio de que esta se caracteriza como uma cidade média portadora de uma estruturação urbana específica.

Priorizamos identificar qual o grau de percepção de mulheres chefes de família diante dos processos da exclusão social, lembrando sempre que suas identidades são construídas através de um contexto social, cultural, político e econômico específico. Particularmente, porque pretendíamos captar a visão desse um agente que, para nós, consegue compreender o espaço no qual produzem e reproduzem suas relações cotidianas, as mulheres chefes de famílias.

---

Caberia a ciência um ir e vir do todo às partes e vice-versa para entender o sistema sem perder de vista qualidades essenciais presentes nas partes e manifestadas somente quando indissociadas do todo. (GUIMARÃES, 1999, p. 26)

Neste contexto e apoiados na fala de Guimarães podemos justificar a nossa opção por abordar uma metodologia de análise qualitativa para a compreensão da questão de gênero em áreas de exclusão social. Entretanto, inicialmente utilizamos como um dos procedimentos metodológicos a escolha das áreas de pesquisa através de dados quantitativos. Mas, a maior parte da pesquisa foi orientada para se obter dados qualitativos. Resumindo, a pesquisa foi baseada numa pesquisa qualitativa em depoimentos orais, no intuito de entender variáveis componentes da história de vida de mulheres chefes de família de áreas excluídas e não necessariamente chefes de famílias monoparentais<sup>5</sup>. Muitos pesquisadores das ciências sociais (BECKER, 1994; THOMPSON, 1992; WHITAKER, 2000), defendem essa abordagem, dizendo ser a mesma muito pertinente, pois só o indivíduo será capaz de fazer um relato fiel da experiência e interpretação do mundo no qual ele vive. E este é o mundo que queremos compreender.

Acreditamos que utilizando desta metodologia conseguiremos perceber e analisar mais profundamente como pensam, agem e quais os significados manifestados pelas mulheres. Souza (2005), ao fazer uma comparação entre método qualitativo e método quantitativo, analisa o quanto é importante se compreender a realidade do ator entrevistado. O autor destaca que a abordagem qualitativa se identifica melhor com pesquisas desenvolvidas com atores sociais, porque a mesma não quantifica respostas, mas busca captar o ponto de vista de um indivíduo (entrevistado) que tem seu cotidiano permeado por um conjunto específico de relações sociais, econômicas e políticas que não podem ser captados em análises estatísticas.

Portanto, a partir de técnicas qualitativas, utilizamos como procedimento metodológico entrevistas em profundidade (semi-estruturadas através de um roteiro), uma vez que demonstram ser adequadas para a compreensão do comportamento dos sujeitos, não só no seu processo de formação de opinião e tomada de decisão individual, mas, ao mesmo tempo,

considera a inserção do entrevistado em seu grupo social, que está submetido a muitas outras influências. Para Veiga e Gondim (2006), as experiências diárias vividas e transmitidas pelas pessoas na sociedade compõem a base de conhecimento de que cada um dispõe para interagir com o mundo, interpretá-lo, tomar decisões e ajustar-se a ele. Desta maneira, as qualidades da pessoa (a imagem que faz de si mesmas, como se comportam em determinadas situações concretas, quais os seus valores e como se relaciona socialmente), a sua história e suas experiências de vida (a família, a escola, a profissão etc) devem ser abordadas nas entrevistas em que se investigam atitudes e comportamentos sociais. Pois é estritamente necessário compreender o sujeito enquanto ser histórico e socialmente construído (ZANELLA et al., 2002, p. 212).

E é neste contexto que, através da utilização da metodologia qualitativa por meio de depoimentos orais; que nos aproximaremos de diversos aspectos de suas histórias de vida como: como relações e/ou questões de gênero, por exemplo; podemos justificar o enfoque metodológico da pesquisa em questão, pela qual pretendemos compreender a realidade das mulheres chefes de família das áreas de exclusão social da cidade de Presidente Prudente - SP. Para o trabalho de campo, escolhemos duas áreas (setores 172 e 98, áreas nordeste e leste respectivamente, mapa 1), que têm sido estudadas pelo nosso grupo de pesquisa (CEMESPP).



vida digna. Tais variáveis contribuíram para o enriquecimento do nosso debate inicial sobre a questão de gênero em áreas de exclusão social, mas apesar de sua importância são dados meramente quantitativos, que para nós homogeneizam espaços heterogêneos com processos sociais dinâmicos. Portanto, o trabalho de campo nos permitiu obter maiores informações e conhecimentos sobre o objeto de estudo, abrangendo a reflexão do pesquisador para além do conhecimento teórico.

Os resultados da realidade dessas mulheres, contendo aspectos como de chefia, questões e relações de gênero foram trazidos através da realização dessas entrevistas, sendo essenciais para compreendermos como se forma, em espaços de exclusão social, a identidade da mulher chefe de família, moradora de bairro excluído, pobre e, sobretudo, pertencente a uma sociedade capitalista e basicamente patriarcalista.

### **Questões e relações de gênero**

Eu acho que mudou muito, de primeiro mulher não podia fazer nada, os maridos... mulher não podia cortar cabelo, mulher não podia... meu casamento não, porque meu velho foi muito bom pra mim, mas tem muito aí menina! Que não podia nem sair da porta pra fora que o marido não deixava, era um ciúme danado! Ele podia pintar e bordar pra fora e a mulher não [...] (D. Mariana, 81 anos, viúva)

A ideologia patriarcalista (que percebemos no relato acima) mesmo tendo perdido força pelos avanços das conquistas femininas, ainda hoje determina o comportamento de muitas mulheres, principalmente das mais velhas. Apesar delas já perceberem a realidade de que as relações hierárquicas entre os gêneros (que inferioriza geralmente a condição das mulheres a meras mães e donas de casa) estão mudando ou deveriam ser mais eqüitativas. Foi o que percebemos a partir das entrevistas realizadas, como os exemplos abaixo:

Eu acho que as coisas tão tudo... quase tudo que a mulher faz o homem também faz. Não é verdade, antigamente que tinha essa polêmica... mulher não pode trabalhar fora... agora... mas tanta mulher que... entende tanta coisa, né? Eu acho que devia ser tudo igual! A mulher trabalha mais que o homem! Tem homem que ajuda muita mulher em casa, mas tem homem que não faz nada! Só

trabalha no servicinho dele e acabou, né? [...] Mas eu acho... eu pra mim... eu acho que a mulher não pode governar o mundo... ser governadora... tem tanto homem eu penso que mulher não tem esse dom que o homem tem pra governar! (D. Mariana, 81 anos, viúva)

Tá tudo mudando, né? Porque quando o homem está desempregado, sem condições, as mulheres mete um chifre aqui outro ali (risos), o marido fica sabendo, ao as coisas pioram. A mulher agora está traindo mais, eu acho uma coisa absurda! Porque acho que ela tinha que sentar, conversar, tentar, ver e conciliar a família, eu acho! Tudo pela família, vale! (Sabrina, 40 anos, amasiada)

Eu acho primeiramente que a mulher tem que obedecer seu marido, porque ele é o cabeça, então a gente tem que obedecer, não ele trazer a gente por debaixo sempre não! É nós combinar, é uma coisa combinada! E outra coisa também ter diálogo, quer dizer... ele como nosso marido, a gente tem que respeitar ele, né? (D. Edna, 70 anos, viúva)

Outra questão muito importante a ser destacada está presente nas respostas sobre o que as mulheres chefes de família, mesmos sem marido, esperam do relacionamento entre homem e mulher:

Eu sou contra o homem trair a mulher e sou contra a mulher trair o homem também! Eu acho que dever ser assim... vai viver junto? Vive junto, um enterra o outro, mas se não der pra viver junto, não tem que ameaçar de morte, de bater no outro, não! Larga e vai viver a vida. Tem filho! Então você dá pensão! (Marcela, 42 anos, divorciada)

A relação de homem e mulher devia ser bem ajuizada os dois, né? Bem amigável os dois ... éh ... viver bem um com o outro, não fazendo o que não deve fazer, né? (D. Josefa, 76 anos, viúva)

Elas sentem a necessidade de que a relação seja de compreensão e diálogo, talvez por não ter sido dessa forma quando estiveram casadas ou com algum companheiro. O que algumas delas demonstram ao relatarem a desilusão com o comportamento masculino:

Pra mim a relação está indo pra pior, porque hoje em dia o homem não quer saber de nada, filha! Hoje em dia o homem quer saber, assim... a mulher ficou grávida... não sei de quem é esse filho, começa assim! (D. Marcela, 42 anos, divorciada)

Os maridos de antigamente não eram igual os de hoje que quer a mulher como escrava, nega até um prato de comida que eu estou cansada de ver! (D. Helena, 61 anos, viúva)

Eu acho errado homem bater em mulher, porque eu acho que elas são tão frágil [...] eu acho que elas sofre mais! Em todos os sentidos

porque os maridos não estão nem aí para hora de levantar, pra hora de olhar uma criança, pra hora de levar na escola, entendeu? Eles não ligam para nada! Pode ver se uma criança fica com a guarda de um pai, a maioria quem cuida são os avós [...] (Sabrina, 40 anos, amasiada)

Sem a pretensão de esgotarmos toda sua representação, propomos acima captar algumas questões principais das falas sobre questões e relações de gênero.

A partir dos relatos constatamos que nas áreas de exclusão social em que pesquisamos, o que se percebe são mulheres de certa forma conscientes da relação hierárquica entre os gêneros, que inferioriza geralmente a condição das mulheres a meras donas de casa, apesar do tradicionalismo (modelo feminino de se comportar no âmbito de uma sociedade patriarcalista) estar muito presente nas suas falas no que tange o seu papel na sociedade principalmente dentro do casamento. Ou seja, são conscientes da sua situação de inferioridade em relação ao gênero masculino na sociedade, ao responderem que as divisões de papéis deveriam se mais eqüitativas na família, bem como no mercado de trabalho, mas infelizmente ainda reproduzem um comportamento que muitas vezes está imposto, a ponto delas mesmas não perceberem a contradição entre o seu discurso e sua prática.

Isso porque a ideologia patriarcalista, mesmo tendo perdido força pelos avanços das conquistas femininas, ainda hoje determina o comportamento de muitas mulheres. Realidade constatada nas falas das mulheres. Portanto, podemos dizer que tal influência está presente na formação das identidades de mulheres moradoras de áreas que passam por processo de exclusão social.

### **Considerações finais**

Na geografia, o debate acima ainda estão se iniciando. Mas é sabido para muitos autores que a inclusão da questão de gênero, enquanto promotor da produção e reprodução das relações sociais, permeadas por fatores específicos de cada lugar e do momento histórico, permitiu a essa disciplina

romper com o paradigma até então vigente (mais precisamente á partir de 1980), no qual o estudo do indivíduo e suas intersubjetividades concretizadas no espaço permite a compreensão do presente e, sobretudo, do passado.

Nos estudos de gênero, a geografia analisa como são delimitados e reproduzidos espacialmente os papéis masculino e feminino. Sem deixar de destacar que as relações cotidianas não se distanciam das relações de poder, tornando, o lugar de reprodução dos aspectos objetivos e subjetivos, geralmente local de dominação do homem sobre a mulher.

Analisar a questão de gênero em áreas de exclusão social tem por objetivo justamente isso. Poder entender como são produzidas essas relações, quando os indivíduos atuantes estão em situação de vulnerabilidade e pobreza.

E para compreender o desenvolvimento das relações entre o gênero feminino e seu espaço de atuação, o conceito de espaço geográfico demonstra-se frutíferos para a análise da realidade de mulheres chefes de família. Para tanto, utilizamos a metodologia de pesquisa qualitativa por meio de fontes orais, no intuito de entender variáveis componentes da história de vida de mulheres chefes de família de áreas excluídas.

As idas a campo e a realização das entrevistas foram essenciais para compreendermos como é construída a identidade de gênero dessas mulheres residentes em áreas periféricas de Presidente Prudente-SP. Para isso, partimos do pressuposto de que essas identidades são construídas no espaço e no tempo, através de um contexto histórico, social, econômico e político específico.

Assim, podemos concluir que a tendência das mulheres entrevistadas, quando se analisa as relações e questões de gênero (masculino e feminino), é de que suas identidades foram culturalmente construídas através de tradicionalismos e/ou resignação de qual deve ser seu papel de mulher na sociedade (patriarcalista), mesmo tendo consciência de como deveriam ser tais relações e de que elas estão mudando.

Mediante essa realidade e por sua importância, a influência das relações de Gênero e seus impactos no desenvolvimento da sociedade não deve ser silenciada, muito menos pela Geografia, a qual se propõe estudar o

espaço e as transformações sociais que nele se concretizam, porque a geograficidade das relações de poder e transformações espaço/temporais pode ser percebida quando nos propomos analisar a dinâmica (política econômica e social) de atores específicos em lugares específicos. Fator muito relevante, ao pensarmos os espaços contemporâneos nos quais a lógica do modo de produção capitalista promove processos acentuados de exclusão social.

As questões colocadas acima estão determinando temas para vários estudos de gênero na Geografia, devido a importância de se fazer uma análise das relações de poder que provocaram e ainda provocam antagonismos entre homens e mulheres ao longo de toda a história, quando estudado o espaço em que se concretiza tais relações sempre de forma dinâmica e profundamente complexas.

A partir desse trabalho realizado, pretendemos continuar buscando complementos para refletirmos a respeito da relação entre gênero e espaço. Esperamos que com esse esforço de aproximação de questões teóricas e empíricas, possamos avançar na identificação e análise das relações cotidianas de gênero, relacionadas aos espaços de atuação da mulher, perante as situações de exclusão social em trabalhos posteriores.

## Referências

- BECKER, H. S. A História de vida e o mosaico científico. In: **Métodos De Pesquisa Em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1(2):101-115, 1994.
- CARVALHAL, T. B. **Gênero e classe nos sindicatos**. Presidente Prudente: Edições Centelha, 2004. p. 13-64.
- CASTELLS, M. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: **O Poder Da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 5(1): 69-238, 2001.
- COSTA, D.I.P. As mulheres chefes de domicílios e a formação de famílias monoparentais: Brasil, século XIX. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**, 17(1/2):1-18, jan./dez, 2000.
- GARCIA, M. F. **A luta pela terra sob enfoque de gênero: Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema**. (Tese Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente-SP, 2004.

\_\_\_\_\_. O gênero como perspectiva de análise na discussão sobre as localizações. In: **Revista Pegada Eletrônica**. 3(1), Outubro, 2002.

GUIMARÃES, A. A. **O amor e o ódio na vida do professor**. Campinas: (s.n.), 1999.

IBGE. **Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil**.

Disponível em: < [www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfildamulher/comentarioshtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfildamulher/comentarioshtm) >. Acesso em: 25/04/2006.

MARTÍNEZ, A. S. et al. **Mujeres, espacio y sociedad: hacia una geografía del género**. Madrid: Editorial Síntesis, Coleção Espacios y sociedades, Série Mayor, 1995.

MONTEIRO, A; LEAL, G. B. **Mulher: da luta e dos direitos**. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1998.

NOVELLINO, M. S. F. **Chefia feminina de domicílio como indicador de feminização da pobreza e políticas públicas para mulheres pobres**.

Disponível em: < [www.abep.nepo.unicamp.br](http://www.abep.nepo.unicamp.br) >. Acessado em 05/05/2007.

ROSSINI, R. **Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista**.

1988 (Tese de Livre-docente) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, 20(1):5-22, 1995.

**Sistema de Informação e Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas (Presidente Prudente, SP)**. Atlas da exclusão social de Presidente Prudente, 2003. 1 CD ROM. Escala 1: 50.000

**Sistema de Informação e Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas (Presidente Prudente, SP)**. Atlas da inclusão/exclusão social no interior paulista. Presidente Prudente, 2004. 1 CD ROM.

SOARES, A. C. N. **Mulheres chefes de família: narrativa e percurso ideológico**. Franca: UNESP – FHDSS, 2002.

SOUZA, E. R. De, et al. Construção dos Instrumentos Qualitativos e Quantitativos. In: **Avaliação Por Triangulação de Métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Org.: MINAYO, M. C. De S. et al. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2005. p. 133-156.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª Ed. 1998.

VEIGA, L. e GONDIM, S. M. G. **A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político**. Disponível em: < [www.scielo.br](http://www.scielo.br) > Acesso em: 25/11/2006.

WHITAKER, D. C. A. Análise De Entrevistas Em Pesquisas Com Histórias De Vida. In: **Cadernos CERU**. 2(11):147-158, 2000.

ZANELLA, A. V. et al. Contextos grupais e sujeitos em relação: contribuição às reflexões sobre grupos sociais. In: **Psicologia: reflexão e crítica**. 15 (1):211-218, 2002

## Notas

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da Monografia de Bacharelado, intitulada A questão de gênero em áreas de exclusão social, defendida pelo curso de Geografia da FCT/Unesp/Presidente Prudente-SP no ano de 2007. Apoio: FAPESP.

<sup>2</sup> O patriarcalismo pode ser considerado como uma ideologia, reproduzida em muitas das instituições das sociedades contemporâneas, que caracteriza-se pela autoridade do homem sobre a família.

<sup>3</sup> Utilizamos neste texto a definição de exclusão social como a privação de sujeitos a benefícios econômicos, sociais e políticos, resultante de um processo dinâmico e multidimensional de desvinculação total ou parcial destes com a sociedade.

<sup>4</sup> Famílias chefiadas por mulher são unidades de parentesco, onde uma mulher chefe e seus filhos podem residir num domicílio sustentado e/ou dirigido por outra pessoa. Mais informações ver NOVELLINO, 2007.

<sup>5</sup> De acordo com a fase do seu ciclo de vida, as famílias monoparentais são classificadas como aquelas que são constituídas de mulheres ou homens solteiros e/ou viúvos. Mais em Costa, D.I.P, 2000, p. 51-51.

Recebido em: 02/03/2009

Aceito em: 21/07/2009